



VIA ATLÂNTICA

PUBLICAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDOS COMPARADOS DE LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA Nº 20/2011

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Reitor: João Grandino Rodas
Vice-Reitor: Helio Nogueira da Cruz

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
Diretora: Sandra Margarida Nitrini
Vice-Diretor: Modesto Florenzano

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
Chefe do Departamento: João Roberto Gomes de Faria
Vice-Chefe do Departamento: Ieda Maria Alves

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE ESTUDOS COMPARADOS DE
LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA
Coordenador: José Nicolau Gregorin Filho
Vice-Coordenador: Helder Garmes

Via Atlântica/Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo – n. 20 (2011) -- São Paulo : Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos, 2011.

ISSN 1516-5159

1. Língua Portuguesa 2. Literaturas de expressão portuguesa 3. Literatura comparada I. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos.

CDD-469
869



VIA ATLÂNTICA

Publicação da Área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Universidade de São Paulo

n. 20 São Paulo 2011

ORGANIZADORES DESTE NÚMERO

Mário Cesar Lugarinho
Paulo Motta Oliveira

COMISSÃO EDITORIAL

Helder Garmes (Universidade de São Paulo)
Maurício Salles Vasconcelos (Universidade de São Paulo)
Rita Chaves (Universidade de São Paulo)
Salette Cara (Universidade de São Paulo)

COMISSÃO CONSULTIVA

Ana Pizarro (Universidade do Chile)
Angela Balça (Universidade de Évora)
Benjamin Abdala Júnior (Universidade de São Paulo)
Carmen Lúcia Tindó Secco (Universidade Federal do Rio de Janeiro)
Elza Miné (Universidade de São Paulo)
Eneida Leal Cunha (Universidade Federal da Bahia)
Francisco Noa (Universidade Eduardo Mondlane – Moçambique)
João Luis Ceccantini (Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” – Assis)
Laura Padilha (Universidade Federal Fluminense)
Maria Lúcia dal Farra (Universidade Federal de Sergipe)
Maria Luiza Scher Pereira (Universidade Federal de Juiz de Fora)
Maria Zilda Cunha (Universidade de São Paulo)
Nuno Júdice (Universidade Nova de Lisboa – Portugal)
Maria Nazareth Soares Fonseca (PUC-MINAS)
Regina Zilberman (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)
Rejane Vecchia Rocha e Silva (Universidade de São Paulo)
Rita Godet (Universidade de Rennes – França)
Roberto Vecchi (Universidade de Bologna – Itália)
Sérgio Medeiros (Universidade Federal de Santa Catarina)
Walnice Nogueira Galvão (Universidade de São Paulo)

Revisão de Textos	Debora Leite David
Assessoria	Creusa Ribeiro de Lima Marildes Moreira da Silva
Editoração Eletrônica	RW3 Design
Capa e Projeto Gráfico	Moema Cavalcanti
Impressão e Acabamento	Linear B

Endereço para correspondência:

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Centro de Estudos das Literaturas e Culturas de Língua Portuguesa
Av. Prof. Luciano Gualberto, 403 – sala 101 – CEP 05508-900 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3091-3751 | e-mail: viatlan@usp.br | celp@usp.br

Via Atlântica, n. 20, 2011

Esta publicação conta com auxílio financeiro da CAPES

Sumário

Editorial 7

DOSSIÊ: LITERATURA E INDÚSTRIA CULTURAL

Naturalismo, melodrama e mídia. 15

Salete de Almeida Cara

Uma questão de *timing*: aspectos da consagração de José Saramago
no Brasil 23

Margarida Rendeiro

O doce veneno da cultura de massa ou o que Bruna Surfistinha
tem a nos ensinar para além do Kama Sutra pop. 39

Maurício de Bragança

Gonçalo M. Tavares, uma viagem ao valor com Camões ao fundo e
alguns problemas contemporâneos. 53

Luis Maffei

A novela histórica de Gonçalo: escrita, publicação, recepção 67

Giuliano Lellis Ito Santos

Cultura de mercado: literatura e publicidade no pré-modernismo
brasileiro. 75

Maurício Silva

Literatura e indústria cultural: relações com outras produções artísticas,
a partir de *Gota d'água*, de Chico Buarque e Paulo Pontes. 89

Agnaldo Rodrigues da Silva

A realidade cotidiana na produção ficcional. Aproximações do romance
latino-americano e a teledramaturgia brasileira. 101

Dernival Venâncio Ramos Júnior e Plábio Marcos Martins Desidério

Literatura infanto-juvenil e ciências: convergência e desafios para o
mercado editorial brasileiro. 113

Glauccio Aranha

Literatura infantil fractal e mercado editorial: lições contemporâneas . . .	125
<i>Fúlvio de Oliveira Saraiva e Fernanda Maria Abreu Continbo</i>	
Refletindo sobre os limites da leitura literária hoje.	135
<i>Patrícia Kátia da Costa e Pina Dilcéia Almeida Sampaio</i>	
Memória e esquecimento na mídia contemporânea: Fernando em Pessoa de Laerte.	145
<i>Luciano Barbosa Justino</i>	

OUTROS TEXTOS

“Coisas do mundo, minha nega”: para uma poética de Paulinho da Viola.	163
<i>Roberto Bozzetti</i>	
Direito, literatura e prática judicial na Goa de outrora – o caso dos advogados provisionários (2ª parte)	187
<i>Luís Pedroso de Lima Cabral de Oliveira</i>	
Sombras e amores: de Eça a Machado	199
<i>Paulo Motta Oliveira</i>	

RESENHAS

No cruzamento entre a pós-colonialidade e a globalização.	217
<i>Emanuelle Rodrigues dos Santos</i>	
Sobretudo, a esperança.	221
<i>Cláudia Maria Fernandes Corrêa</i>	

Editorial

No século XIX, com o primeiro artefato artístico que pôde ser tecnologicamente reproduzido – o livro, começou a ser criado o mercado editorial globalizado que, com todas as assimetrias, existe na contemporaneidade. Se as literaturas nacionais têm, naquele período, importância, não podemos esquecer que já então existia um mercado literário europeu, que era espelhado também por outras partes do mundo, em especial nas Américas. Esse mercado e, conseqüentemente, seu público consumidor, formou leitores e produziu leituras, fecundando aquelas literaturas nacionais. Em paralelo à formulação dos cânones nacionais, uma literatura voltada para o consumo rápido e imediato definia o gosto burguês. No século XX, apesar da formalização da crítica literária e da sua atenção quase exclusiva ao cânone, essa produção não declinou, ao contrário, tomou formas diversas, que vão para além da produção editorial, e se combinou com outras formas de expressão que não apenas a literária – o cinema, a televisão, os quadrinhos, ou mesmo na forma de jogos (RPGs e congêneres). O objetivo deste número é refletir sobre vários aspectos da relação tensa e produtiva entre literatura e mercado.

Se num primeiro momento, tendo em vista as reflexões tanto de Walter Benjamin, especialmente no seu artigo seminal “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica” (1936), quanto de Theodor Adorno e Max Horkheimer em “A indústria cultural como mistificação das massas” (1942), a crítica isolou a produção literária do seu processo de circulação e do mercado editorial, foi com a ascensão dos estudos acerca do processo de recepção da obra literária que uma nova linha investigativa se abriu. Além disso, com a revolução paradigmática que a História atravessou na segunda metade do século XX, notadamente com os estudos acerca da história do cotidiano, o livro passou a ser objeto de investigação e de problematização, evidenciado para a crítica que o “suporte” do texto literário também participava do seu processo de circulação, já que a materialidade do texto (o livro, o jornal, o papel) fora

fundamental para a construção da Literatura como instituição cultural, social e política, principalmente no século XIX, quando o mercado editorial emergiu com força nas sociedades burguesas. Pouco mais tarde, na década de 1960, a disseminação dos Estudos Culturais, a partir das obras de Raymond Williams e Stuart Hall, deu condições para a revisão dos procedimentos que a crítica literária havia mantido até então. A crítica no Brasil, apesar de parcimoniosa, não ficou alheia à discussão, pelo contrário, Antonio Cândido, em *Literatura e Sociedade* (1965), já apontara essas relações, e a publicação de *Teoria da cultura de massa* (1969), organizado por Luiz Costa Lima, tornou-se marco e bibliografia obrigatória, já que introduzia no Brasil uma discussão já bastante adiantada em outros espaços acadêmicos; na década seguinte, destaca-se *Música popular e poesia brasileira* (1978), de Affonso Romano de Sant’Anna; a que seguiu Silvano Santiago, com *Vale quanto pesa* (1982). Daí em diante, pode ser observada a profusão de estudos que tanto verificavam os mercados editoriais, quanto o desdobramento da literatura na cultura de massa; já se tornaram clássicas as obras, na Comunicação Social, de Muniz Sodré, com seu *Best-seller: a literatura de mercado* (1985), ou nas Ciências Sociais, de Renato Ortiz, com *Telenovela: história e produção* (1989), que inaugurou o estudo do gênero no Brasil, verificando suas relações com a literatura e a produção do folhetim. Ao mesmo tempo, na área específica dos estudos literários, disseminava-se o estudo do romance de folhetim, do qual podemos citar a tese de doutoramento de Pina Coco, intitulada *O triunfo do bastardo: uma leitura dos folhetins da imprensa carioca do século XIX* (PUC-RJ, 1990), a que se seguiu, entre outras, a obra basilar de Marlyse Meyer, *Folhetim: uma história* (1996). A partir dessas investigações, não se pode mais deixar de lado as relações travadas entre a Literatura, o mercado editorial e os produtos culturais derivados dessas relações. Em suma, a Literatura se inscrevia definitivamente, para a crítica literária, no amplo campo da indústria cultural.

No século XX, como é largamente reconhecido, a produção literária fomentou o desenvolvimento de inúmeras outras tecnologias das quais se destaca, sobretudo o cinema e a televisão, confundindo o “suporte” com o “conteúdo” ficcional – o cinema, por exemplo flagrante, identifica-se imediatamente não com o aparato tecnológico e industrial que o constitui, mas com a própria narrativa, ficcional ou não, que se desenrola nas telas de todo o mundo, como também a televisão que, na forma da teledramaturgia, faz da coincidência

entre suporte e conteúdo um dos seus principais produtos. Em menor escala, mas com significativa expressão, fotonovelas, histórias em quadrinhos (HQ) e RPGs recorreram ao modelo literário da narrativa ficcional, principalmente, para se constituírem e conquistarem seu lugar no mercado de consumo. Nas últimas décadas do século passado, ainda, com a vulgarização dos PCs e consoles de jogos eletrônicos, jogos estruturados como narrativas (muitas vezes com raízes literárias) passaram a constituir importante e lucrativa parcela do mercado de entretenimento. Assim, se o século XIX foi o século do romance, nos suportes do folhetim e do livro, e, por isso, de sua transformação em objeto de consumo e entretenimento, o século XX foi o período no qual o modelo narrativo do século anterior disseminou-se por todos os suportes possíveis que a tecnologia oferecia, estabelecendo uma relação direta com o mercado consumidor e a indústria do entretenimento.

Quando a História se debruçou sobre o livro e a formação dos leitores (com os trabalhos de Michel de Certeau, Georges Duby, Philippe Ariès ou Michelle Perrot, dentre outros), os pesquisadores de Literatura verificaram que o isolamento da produção literária de sua série social provocava conclusões precipitadas que desconheciam a relação próxima entre a produção literária e o próprio mercado, que interferia e interfere naquela produção. Os editores e suas políticas editoriais, bem como as casas que dirigiram, mas também leitores de toda sorte, cujas características de nacionalidade, classe, gênero e etnia passaram a ser relevantes, foram reconhecidos como elementos funcionais para o estudo da Literatura e de sua História – caso característico do surgimento do romance *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert.

O século XX, vale ainda assinalar, oferece aos estudos dessa linha de investigação o aparecimento dos mercados literários milionários, baseados em feiras e exposições de livros, prêmios nacionais e internacionais, e nas concorrências entre autores e editores por espaços privilegiados para a exposição do “objeto” livro na grande mídia e, também, em livrarias, supermercados, farmácias, lojas de conveniência ou *shopping centers*. O mercado editorial, tal qual se constituiu, deixa de lado definitivamente qualquer relevância estética, que passou a interessar apenas à crítica universitária e a alguns leitores, para se dedicar principalmente às cifras que uma tiragem da gráfica pode alcançar – entretanto, temos de admitir, não apenas o capital dirige as políticas editoriais, mas também o valor simbólico que obras podem agregar à empresa editorial

e a todas as suas publicações – exemplificamos com o fato da obra de Clarice Lispector ter sido publicada, por longo tempo, pela mesma editora de Paulo Coelho, ou, mais recentemente, pela publicação do romance *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves (2006), extenso volume com 952 páginas, que é raríssimo (frisamos o superlativo) “investimento” para uma editora brasileira.

A organização deste número 20 da revista *Via Atlântica*, periódico científico do Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade de São Paulo, procurou contemplar as mais contemporâneas discussões acerca do tema “Literatura e Indústria Cultural”. Assim, o leitor irá encontrar uma espécie de relatório do *state of art* no panorama das Literaturas de Língua Portuguesa, tendo como cenário principal o mercado cultural brasileiro.

O ensaio de Salete de Almeida Cara abre a revista com uma reflexão bastante amplificada a respeito do tema, cruzando sua experiência de crítica e especialista do romance naturalista do século XIX com a de telespectadora dos folhetins televisivos ditos “naturalistas” que povoam os canais da TV aberta. Em seguida, o artigo de Margarida Rendeiro assinala o sucesso da obra de José Saramago no Brasil, levando em consideração as políticas de seus editores brasileiros, sua recepção nas mídias impressas e televisivas e a ascensão do mercado editorial brasileiro desde a estabilização de nossa moda. Maurício Bragança apresenta um estudo bastante ousado e, por isso, digno de nota, a respeito da circulação da obra *O doce veneno do escorpião* e de sua conversão no filme *Bruna Surfistinha*, observando os avanços e retrocessos “éticos” e “estéticos” que a literatura e o cinema brasileiros se impõem frente ao mercado consumidor. O artigo de Luis Maffei se dedica ao processo interno temático na obra literária, já que observa tanto no cânone literário da Língua Portuguesa, quanto em obra contemporânea, a discussão em torno do capital. Giuliano Lellis Ito Santos apresenta estudo sobre o processo de circulação e recepção de *A ilustre casa de Ramires*, de Eça de Queiroz. O artigo de Maurício Silva analisa o contexto cultural brasileiro durante a passagem do século XIX para o XX, verificando as relações entre a literatura e a publicidade no contexto do pré-modernismo literário brasileiro. Agnaldo Silva discute as relações que a peça teatral *A gota d’água*, de Chico Buarque e Paulo Pontes, estabelece com outras produções artísticas, levando em consideração, principalmente, sua inserção no contexto da indústria cultural. Dernalven Venâncio

Ramos Júnior e Plábio Marcos Martins Desidério analisam a relação entre a tradição literária latino-americana e a telenovela brasileira através do recurso do *merchandising* social, através do qual questões do cotidiano brasileiro são inseridas na narrativa. Gláucio Aranha analisa, no contexto da produção literária infantil e juvenil brasileira, a formação de novos nichos mercadológicos para onde convergem a literatura e as ciências, levando em consideração tal processo como um desafio a autores e editores do segmento. Fúlvio de Oliveira Saraiva e Fernanda Maria Abreu Coutinho, partindo dos conceitos de fetiche e de literatura fractal, analisam aspectos relevantes da literatura infantil contemporânea, traçando um breve sumário sobre algumas mudanças ocorridas nas últimas décadas. Patrícia Kátia da Costa Pina e Dílcelia Almeida Sampaio discutem características do ato de leitura no mundo contemporâneo, tentando refletir sobre o papel do leitor e da literatura nos dias de hoje. Por fim, Luciano Barbosa Justino, partindo de uma leitura da HQ *O poeta*, de Laerte, reflete acerca da pertinência da poesia como memória viva no pós-modernismo, à luz da semiótica da cultura e do conceito de história.

Na seção “Outros textos”, publicamos um artigo de Roberto Bozzetti sobre a canção de Paulinho da Viola, a segunda e última parte do artigo de Luis Pedroso de Lima Cabral de Oliveira (cuja primeira foi publicada no número anterior da *Via Atlântica*), e um artigo de Paulo Motta Oliveira, que procura refletir sobre algumas particularidades das obras de Eça de Queirós e de Machado de Assis, relacionando-as com o gosto do público leitor oitocentista em Portugal e no Brasil. Encerrando este número, temos as resenhas de Emanuelle Rodrigues dos Santos, sobre o último livro de crítica de Fernando Arenas, *Lusophone Africa: beyond independence*, e de Cláudia Maria Fernandes Corrêa, sobre o livro *Preces e súplicas ou os cânticos da desesperança*, da poeta caboverdiana Vera Duarte.

Mário Cesar Lugarinho e Paulo Motta Oliveira